EDUCAÇÕES AMBIENTAIS NA EXPOSIÇÃO “A ECOLOGIA DE MONET” (2025): POR UMA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA

Simone Grohs Freire[1]

Renato Duro Dias[2]

Resumo: A presente pesquisa discute as educações ambientais tendo como referência imagética a exposição “A Ecologia de Monet” com curadoria de Pedrosa e Oliva (2025). Sendo a primeira no Brasil a abordar a obra de Claude Monet (1840-1926) e a utilizar-se de categorias como a ecologia e o meio ambiente, a exposição resgata a proximidade do pintor com a natureza, mas avança ao mirar jardins, lagos e paisagens como lugares de intrincada dinâmica da sociedade. Trata-se de investigação de abordagem qualitativa, com análise de imagens e revisão de literatura de base crítica. Procura-se, no estudo, endereçar o olhar para possíveis interlocuções entre as pinturas de Monet, a estética da existência foucaultiana e as educações ambientais, vistas como espaço de diálogo crítico para reflexão sobre as múltiplas possibilidades de subjetivação e as relações de poder em que os sujeitos são fabricados contemporaneamente para pensarem as questões ambientais.

Palavras-chave: A Ecologia de Monet; Educações Ambientais; Estética da Existência; Michel Foucault.

Abstract: The present research discusses environmental educations having as image reference the exhibition "The Ecology of Monet" curated by Pedrosa and Oliva (2025). Being the first in Brazil to address the work of Claude Monet (1840-1926) and to use categories such as ecology and environment, the exhibition rescues the proximity of the painter with nature, but advances the discussion by targeting gardens, lakes and landscapes as places of intricate social dynamics. This is a qualitative research approach, with image analysis and review of critical literature. The study seeks to address possible interactions between Monet’s paintings, the aesthetics of Foucaultian existence and environmental education, seen as a space of critical dialogue for reflection on the multiple possibilities of subjectivation and power relations in which subjects are manufactured simultaneously to think about environmental issues.

Keywords: Monet’s Ecology; Environmental Education; Aesthetics of Existence; Michel Foucault.

[1]Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: simonesgfreire@gmail.com.
Link para o Lattes: http://lattes.cnpq.br/8269792142426561.

[2] Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: renatodurodias@gmail.com.
Link para o Lattes: http://lattes.cnpq.br/9894300167305005.

Introdução

A presente pesquisa discute as educações ambientais, argumento desenvolvido por Henning (2014; 2017; 2018; 2019; 2021; 2022), tendo como referência imagética a exposição “A Ecologia de Monet” com curadoria de Pedrosa e Oliva (2025) apresentada no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP).

“A Ecologia de Monet” é a primeira exposição a investigar a relação de Claude Monet (1840-1926) com o meio ambiente, a partir de suas obras que têm como pano de fundo a natureza. As temáticas da ecologia e do meio ambiente, especialmente, aparecem de modo muito perspicaz nas obras do pintor impressionista. O vínculo de Monet com a natureza sempre foi vigoroso ao longo de sua carreira. No entanto, é a partir da fase final de suas produções artísticas, quando Monet vivia em Giverny, uma pequena cidade francesa, que paisagens, lagos, flores e jardins ganham uma dimensão expressiva.

Esta investigação de abordagem qualitativa, com análise de imagens e revisão de literatura de base crítica, busca endereçar o olhar para possíveis interlocuções entre as pinturas de Monet, a estética da existência foucaultiana e as educações ambientais, vistas como espaços de diálogo crítico. Procura-se reflexionar sobre as múltiplas formas de sujeição e relações de poder presentes no modelo de Educação Ambiental, centrado numa racionalidade moderna, para que, a partir deste viés possamos problematizar os nossos modos de existir e conviver com a natureza na contemporaneidade.

Parte-se da estética da existência presente nos escritos de Foucault (2004; 2009; 2010; 2018) e de base foucaultiana (Castro, 2016; Fischer, 2012; Rago, Veiga-Neto, 2013; Revel, 2011). Para tratar das educações ambientais, o estudo apoia-se especialmente em Henning (2014; 2015; 2016; 2017; 2021). Quanto ao campo das imagens, as obras do pintor em “A ecologia de Monet” servirão de dispositivos artísticos-discursivos, a fim de percorrer a trajetória expositiva imbricada nas pinceladas coloridas, em que se percebe a técnica como uma marca indelével das paisagens monetianas. Assim, pretende-se analisar algumas destas pinturas, sem a pretensão de exaurir a referida exposição

Para tal, o escrito se estrutura em três etapas. Primeiramente, faz-se emergir nas educações ambientais as possibilidades de construir outras subjetivações para além do antropocentrismo e da objetificação da natureza. Em uma segunda parte, realiza-se um desdobramento da estética da existência em Foucault, relacionando-a como cuidado de si e a produção da vida como obra de arte. Por fim, apresenta-se algumas das obras de Monet e suas intersecções com as possíveis educações ambientais. Tensiona-se com este estudo pensar modos de vida e de luta em que a Educação Ambiental seja plasmada pela ética, pela estética e pelo respeito aos outros, sob todas as formas pensáveis de vida.

2. Educações Ambientais como fissura e resistência

A pesquisadora Paula Henning em diversos trabalhos (2014; 2017; 2018; 2019; 2021; 2022) vem consolidando criticamente o termo “educações ambientais”[3], no plural, que sugere uma compreensão mais ampla e pluralizada do campo da educação ambiental, considerando as múltiplas formas, contextos e perspectivas que se apresentam como possíveis. A autora propõe esse deslocamento teórico a partir de um diagnóstico que localiza a Educação Ambiental dentro do projeto da educação moderna, pautada pelo racionalismo, disciplinamento e normatividade. Em outras palavras, na modernidade, o papel da educação escolar era/é o de adaptar pessoas a um plano ideal de sociedade, transmitindo valores universais e condutas esperadas.

A Educação Ambiental herda este modelo educativo, sugerindo como uma proposta normativa um conjunto de comportamentos e práticas diante da natureza, isto é, ao invés de problematizar as bases da crise ambiental – como a industrialização, o capitalismo e o colonialismo. Esta Educação Ambiental enfatiza seu papel de solucionadora das emergências ambientais a partir da prescrição moral que determina condutas individuais e naturaliza certos modos de existência.

Esta crença em uma Educação Ambiental salvadora não apenas limita a potência crítica da Educação Ambiental, como a reduz a um manual de adestramento e responsabilização individual. Afasta, portanto, de uma percepção aguçada dos sistemas sociais, econômicos e políticos. Ao mesmo tempo, cria um paradoxo ao estabelecer que cabe ao ser humano solucionar, individualmente, o problema que se produz enquanto sociedade.

Por sua vez, pensar em educações ambientais é resistir às verdades estabelecidas. Ao falarmos em educações ambientais para além de um conjunto de conteúdos e normas a serem transmitidos, estamos tratando de um campo de saber atravessado por relações de poder, discursos e enunciados que formam os modos de pensar, subjetivar e agir no mundo:

> Dispositivo, toma a abordagem foucaultiana do conceito (Foucault, 1990), entendendo que existe uma rede discursiva ampla e interligada em torno da EA [Educação Ambiental], que a produz e a coloca em funcionamento. Tal rede relaciona-se tanto a configurações de saber acerca das questões ambientais, quanto coloca em operação relações de poder e, desse modo, atua incisivamente na subjetivação de sujeitos (Garré; Henning, 2017, p.202).

[3] Utilizamos Educação Ambiental em maiúscula quando nos referimos a Educação Ambiental comprometida com um modelo societário universalizante e de verdades postas. De outro lado, educações ambientais em minúscula demarca o campo pela sua pluralidade, crítica e enquanto espaço de resistência.

Dessa forma, educações ambientais funcionam como abertura para se contrapor a um discurso dominante diante da multiplicidade de sentidos e práticas que emergem ao se reconhecer um campo discursivo pluralizado, político e ético que está para além da escola e dos saberes tradicionais. Há uma multiplicidade de educações ambientais que advêm de discursos e práticas distintas, conformadas por diferentes dispositivos e verdades estabelecidas.

Isabelle Stengers (2023) dialoga exatamente neste sentido ao denunciar a ciência moderna como monopolizadora da verdade que se subordina ao progresso tecnocrático e às exigências do capitalismo, negando as consequências ambientais. A filósofa belga propõe uma desaceleração, ou seja, uma abertura para outros saberes, experiências e pensares:

> [...] desacelerar significa prestar atenção às questões que realmente importam, aquelas cujas respostas lançariam luz sobre as mazelas sociais ou as mudanças climáticas. Pensar fora da caixa: fora das barreiras das disciplinas. [...] Stengers sugere que a ciência, em vez de se apresentar como um bastião de objetividade e racionalidade [...] deveria se engajar em um diálogo respeitoso e civilizado com outras formas de conhecimento, reconhecendo a sua validade (Pereira, 2025, p.1).

Neste sentido, tanto Henning quanto Stengers desconstroem a ideia de um único saber válido, seja científico ou pedagógico, e abrem espaço para múltiplos modos de existência. Ambas recusam a pretensão normativa totalizante, da ciência e da educação, defendendo uma ciência cuidadosa responsável, como prática situada e uma educação possível, crítica e não prescritiva.

Stengers (2023) também afirma uma ecologia de saberes, isto é, uma pluralidade de saberes que coexistem e se relacionam, o que vai ao encontro de Henning que demarca as múltiplas práticas, discursos e pedagogias possíveis em contextos diversos. Assim, a ecologia de saberes de Stengers ressoa na pluralidade discursiva de Henning ao recusar o universalismo e defender a multiplicidade, a pluralidade e a diferença. As autoras apontam que no centro do debate estão a ética e política, recusando soluções técnicas e individuais, ao propor mudanças nas relações da ciência com a sociedade e, assim, transformações nos modos de viver e pensar.

A arte, neste contexto, é, por excelência, um campo plural que comunica por conteúdos científicos, mas também por linguagens sensíveis, simbólicas e estéticas. Assim, a arte pode ser compreendida como um dos dispositivos que produzem educações ambientais que permitem pensar outras formas de relação com o ambiente, seja pela beleza ou pela denúncia.

Pela arte pode-se desnaturalizar as verdades universais ao revelar o ambiente como um campo permanente de conflitos e disputas, mas também resistente e múltiplo. Além disso, ao provocar estranhamento, emoção ou

reflexão, a arte se apresenta como não normativa, possibilitando que a pessoa se reconheça e se reposicione diante da natureza e da sociedade. Ao envolver história, memória e imaginar futuros possíveis, a arte se conecta com as educações ambientais que se revelam críticas, criativas e prospectivas.

Esta é a reflexão que propomos neste texto ao abordarmos Claude Monet, um artista impressionista que expressava a experiência sensível e múltipla da paisagem, da luz e da atmosfera, revelando que a natureza é plural ao registrar as interações complexas entre natureza, tempo, corpo e percepção. A obra de Monet pode ser lida como contraponto ao verde idealizado – domesticado, comercial, midiático e redutor da educação ambiental – ao mostrar que é atravessada por tensões históricas, sociais e ambientais. Anna Lea Albrighta e Peter Huybersb *(*PNAS*,* 2023) apresentam essa leitura ao analisar as obras de Monet como documentos históricos da poluição atmosférica provocada pela Revolução Industrial. Para além do verde naturalizado está presente a materialidade dos céus poluídos, do impacto humano sobre a paisagem. Com base nessa compreensão, a arte impressionista é um discurso sobre o ambiente que traduz em linguagem pictórica como a sociedade do século XIX percebia e era afetada pela industrialização.

No texto, os autores (Albrighta; Huybersb, 2023) introduzem o conceito de *polluted realism*[4] para apontar que parte do estilo impressionista, como as névoas, ou os contornos esmaecidos, espelha, de forma não intencional, as mudanças físicas no ambiente óptico causadas pela poluição industrial. De outra forma, Monet não apenas observa, mas absorve a industrialização como parte da composição pictórica. As obras de Monet são, portanto, dispositivos culturais das educações ambientais oferecendo leituras críticas da relação entre sociedade e ambiente.

Esta é, ao final, a proposta da exposição “A Ecologia de Monet” ao refletir sobre a relação entre as obras e o meio ambiente e ao apontar que suas pinturas “investigam cenas desse mundo cambiante” (MASP, 2025, p. 8). Mundo cambiante, representado nas obras de Monet, que produz resistências aos discursos normativos apontando as limitações desse mundo e potencializando alternativas.

3. A estética da existência em Foucault como arte de resistir

Na antiguidade greco-romana, as técnicas de cuidado de si permitiam aos indivíduos realizar práticas para moldar corpo, alma, pensamentos e condutas. Essas ações visavam fixar, manter ou transformar a identidade por meio do autodomínio e autoconhecimento, com o objetivo de alcançar a singularidade pessoal. Ao praticá-las, cada pessoa refletia sobre suas escolhas

[4] Em tradução livre, realismo poluído.

e modos de vida. Em “História da sexualidade 2: o uso dos prazeres”, Foucault resgata estas tradições.

> Essas ‘artes de existência’, essas ‘técnicas de si’, perderam, sem dúvida, uma certa parte de sua importância e de sua autonomia quando, com o cristianismo, foram integradas no exercício de um poder pastoral e, mais tarde, em práticas de tipo educativo, médico ou psicológico. De qualquer modo, dever-se-ia, sem dúvida, fazer e refazer a longa história dessas estéticas da existência e dessas tecnologias de si (Foucault, 2010, p.12).

Na tradição estoica, a *áskesis*[5] era voltada para o autodesenvolvimento, não para a renúncia ou preparação para outra realidade. Seu objetivo era intensificar a subjetividade, atuando como processo de subjetivação e resistência às normas sociais, promovendo singularidade e alteridade. A prática ascética não se resumia a exercícios pontuais, mas sim a uma atitude contínua de cuidado de si, sendo essencial viver segundo esses princípios.

> Ora, embora essa relação com a verdade, constitutiva do sujeito temperante, não conduza a uma hermenêutica do desejo, como será o caso na espiritualidade cristã, ela abre, em compensação, para uma estética da existência. Deve-se entender com isso uma maneira de viver cujo valor moral não está em sua conformidade a um código de comportamento nem em um trabalho de purificação, mas depende de certas formas, ou melhor, certos princípios formais gerais no uso dos prazeres, na distribuição que deles se faz, nos limites que se observa, na hierarquia que se respeita (Foucault, 2010, p.88).

Desta forma, a estética da existência poderia ser compreendida como modo de sujeição, vinculando-se a um conjunto de regras e valores em que o primado da vida, do grego *bios*, está caracterizado pelo ideal de uma existência bela. A vida, assim, traduz-se como material de uma obra de arte (Foucault, 2010).

A estética da existência foucaultiana era concebida como uma estética-política, em que o viver estava plasmado na concepção de liberdade, reflexo de um jogo de poder e, portanto, de resistência. A questão da liberdade, entendida como não escravidão, era o centro de uma ética da não sujeição a si mesmo, e da não sujeição ao outro (Foucault, 2010).

> No entanto, essa liberdade é mais do que uma não-escravidão, mais do que uma liberação que tornaria o indivíduo independente de qualquer coerção exterior ou interior; na sua forma plena e positiva

[5] Para detalhamento do conceito ver: “O que é *áskesis* na filosofia de Michel Foucault?” de Carlos Eduardo Gomes Nascimento (2018).

> ela é poder que se exerce sobre si, no poder que se exerce sobre os outros (Foucault, 2010, p.78).

O que Foucault parece querer dizer é que a questão ética e política da estética da existência não trata simplesmente de reviver os modos de vida grego ou de rememorar mera nostalgia histórica, mas sim de pensar que cada um (a sua maneira) possa fazer de sua vida uma obra de arte.

Assim, o sentido foucaultiano de estética da existência se aproxima de inúmeras formas das pinceladas pictóricas de Monet, em especial naquilo que pode ser compreendido como liberdade quando se está imerso numa paisagem de jardins, lagos e rios, em que não há separação (ou espaço) entre estes referentes. Ao mesmo tempo em que as pinturas de Monet nos interpelam para pensar a liberdade, é diante de sua tela que ficamos estáticos ao perceber a possibilidade de reflexão.

> Por que olhar para as pinturas de Claude Monet (1840-1926) em uma época de guerra e catástrofe climática? Na última década, iniciou-se uma conversa sobre a relação entre o cânone na história da arte e as mudanças climáticas. No entanto, acredito que agora seja necessário passar da conversa para o que chamo de 'ativismo visual', ou seja, ativar o visível para criar novas formas de ver e de se envolver com o que é visto, não visto ou invisível. Como uma pessoa branca que vive em um assentamento colonial com o maior consumo de dióxido de carbono (CO_2) per capita do mundo, não consigo travar esta conversa de uma posição neutra (Mirzoeff, 2025, p.254).

Entende-se que o título da exposição "A Ecologia de Monet" propõe a análise do trabalho do artista sob o prisma das relações visíveis entre vida humana e ambientes modificados por intervenções humanas, como portos, cidades, estações e jardins. Essa relação pode ser observada por meio da presença de fumaça nas pinturas de Monet, assim como no apreço que o pintor tinha em retratar os processos de modificação de capitais, como Londres e Paris. Quando se examina estas obras não apenas pelo seu aspecto visual, mas considera-se seu papel no contexto sensorial, possibilita-se a observadores acomodar questões ambientais à estética monetiana. Esse procedimento pode ser descrito como "anestésico", pois reduz a percepção de elementos distintos da beleza (Mirzoeff, 2025).

Desfazer esse processo anestésico não implica um retorno ao modo tradicional de apreciação estética, mas sim propor uma abordagem em que o observador sai de uma postura contemplativa, estimulando engajamento crítico com a obra de arte. Tal tarefa tem sido um importante campo de resistência e de luta para as educações ambientais.

4. “A Ecologia de Monet” (2025): pinceladas para além da natureza

“A ecologia de Monet”, com curadoria de Adriano Pedrosa e Fernando Oliva (2025), apresentada no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), faz parte de um conjunto de mostras que o museu propôs para o ano de 2025, no qual as questões ambientais ganham destaque.

De acordo com Oliva (2025a):

> Nós trazemos essa discussão a partir do ponto de vista da ecologia. É claro que esse é um partido contemporâneo, que diz também sobre nossas preocupações atuais com a progressão da crise climática, causada por um modo de vida baseado na exploração da natureza. No entanto, a inquietação com os impactos negativos da ação humana sobre o meio ambiente remonta ao próprio período em que Monet produzia suas obras. É justamente nesse contexto histórico que começam a circular os escritos de Charles Darwin, contribuindo para a popularização do entendimento de que existe uma íntima conexão entre todos os seres vivos do planeta (Oliva, 2025a).

Além da exposição de um dos maiores pintores impressionistas, o MASP expõe obras de variados artistas, dedicando-se a construir uma verdadeira história ou histórias da Ecologia. Ao longo de 2025 o museu destaca as produções de Pierre Renoir, Hulda Guzmán, Frans Krajcberg, Clarissa Tossin e Mulheres Atingidas por Barragens. A proposta do MASP, com esta inciativa, é expandir os debates sobre o meio ambiente e refletir sobre a relação do ser humano com o mundo natural a partir de diferentes contextos, épocas e linguagens artísticas.

Para além das exposições, o museu interage com seu espaço educativo propondo oficinas e atividades paralelas, especialmente dedicadas a professores/as, estudantes e comunidade em geral. A intencionalidade é alargar o campo expandido da arte com a natureza como protagonista, não só como uma paisagem a ser observada, mas como um espaço de imersão sobre nós mesmos, sobre nossas vivências (Oliva, 2025a).

> Durante muito tempo, dentro da hierarquia estabelecida pela Academia de Belas Artes francesa, a paisagem era considerada um gênero menor, subordinado à pintura histórica – que reunia temas mitológicos, religiosos e eventos heroicos – e à pintura de retrato. Essa visão começou a mudar ainda antes de Monet, com uma geração anterior de artistas que, impulsionados por transformações técnicas e sociais, passaram a se dedicar com mais liberdade à observação e a representação da natureza. Mas, nas obras de Monet, nota-se uma imersão ainda mais totalizante na paisagem pintada. A natureza não é apenas retratada: ela é vivenciada, explorada em suas mutações contínuas, em seus reflexos, neblinas, sombras e brilhos (Oliva, 2025a).

Em “A Ecologia de Monet”, esta experiência sensitiva pode ser apreendida a partir da maneira retratada pelo pintor. A mostra reúne trinta e duas (32) pinturas que perpassam a carreira do impressionista. Em Monet, mergulha-se nos fenômenos naturais, tais como: nevoeiros, fumaças, reflexos e cores de uma exuberância imagética.

> É possível identificar em sua obra tanto o encantamento pela natureza quanto uma tentativa de organizá-la, de contê-la. Monet tinha um olhar atento às mudanças ao seu redor, documentando desde a industrialização até fenômenos naturais como enchentes e degelos (Oliva, 2025b).

Assim, em várias obras o que se percebe é o criativo jogo de luz e sombra de um grande artista visual. Para exemplificar essa técnica pictorial, escolheu-se algumas destas paisagens que, embora enquadradas em molduras, figuram como território de interação com o resto da exposição.

Em “A ponte japonesa sobre a lagoa das ninfeias em Giverny” (1920-24), um óleo sobre tela do acervo do próprio museu, Monet destaca a integração entre a estrutura da ponte e a vegetação. Esse encontro acentua-se justamente pela tonalidade geral da pintura e pela pincelada, que não distingue a margem e a água da vegetação ou da ponte (Pedrosa, Oliva, 2025).

Figura 1 - A ponte japonesa sobre a lagoa das ninfeias em Giverny, Monet (1920-24).
Fonte: MASP, 2025.

A ponte japonesa retratada Monet orna um jardim d'água, e sua estrutura é simples e discreta. A combinação entre a ponte e a pequena lagoa de ninfeias inspira-se na tradição dos jardins japoneses, que combinam pedras, água e pequenas pontes de Pedra ou madeira para conectá-las (Pedrosa, Oliva, 2025).

O modelo de uma pequena ponte arcada está presente em nosso imaginário dos jardins japoneses até hoje. No entanto, na coleção das estampas de Monet as imagens nos remetem a estruturas maiores, robustas e de uso público, como que aproximando o expectador da paisagem retratada. Essa noção de imersão em Monet coloca-nos em contato com a experiência.

> Para a educação ambiental, esse pensamento estético~ético~político é potente para ressignificar as experiências vividas e promover relações de compromisso e reverência com todos os organismos vivos e não vivos. As questões ambientais são indissociáveis dos indivíduos e o desafio de sensibilizar para as relações pós-humanas exige um olhar atento para as práticas de uma sociedade pautada na concepção antropocêntrica (Geraldo; Iared, 2023, p.903).

De acordo com Henning (2017), essa é uma das funções das educações ambientais:

> Pouco a pouco esses artefatos nos convocam a mudar os hábitos, a conduzir a vida de outra maneira, a conscientizar-nos dos problemas ambientais. A EA, recorrendo aos materiais que circulam em espaços formais, não formais e informais de aprendizagem, parece trazer a solução para os graves problemas pelos quais estamos vivendo (Henning, 2017, p.348, tradução nossa)[6].

Em um momento em que o mundo atravessa uma crise climática sem precedentes, as categorias "meio ambiente" e "ecologia" ganham novas dimensões, tanto no campo das ciências da natureza, da Educação Ambiental, como no campo da história da arte. Desta maneira, as obras de Monet nos convidam a refletir sobre os dilemas do nosso tempo (Oliva, 2025c):

> Contudo, é importante lembrar que tanto os conceitos de meio ambiente e ecologia como a preocupação com sua fragilidade já existiam na época de Monet, mesmo que ainda de forma incipiente. Embora o cidadão comum não se sentisse diretamente implicado nos assuntos climáticos, nas grandes cidades europeias estudiosos do assunto já alertavam para as consequências, por exemplo, da poluição atmosférica –

[6] No original: “Poco a poco estos artefactos nos convocan a cambiar los hábitos, a conducir la vida de otro modo, a concientizarnos de los problemas ambientales. La EA, echando mano de los materiales que circulan en espacios formales, no formales e informales de aprendizaje, parece traer la solución a los graves problemas por los cuales estamos viviendo.”

> sobretudo em Londres, a partir da década de 1860 (Oliva, 2025c, p.26).

Logo na entrada da exposição percebe-se a plasticidade da natureza de Monet. Em “O barco”, a pincelada impressionista figura de modo muito expressivo e o verde exuberante reverbera na tela, preenchendo o espaço com muita evidência.

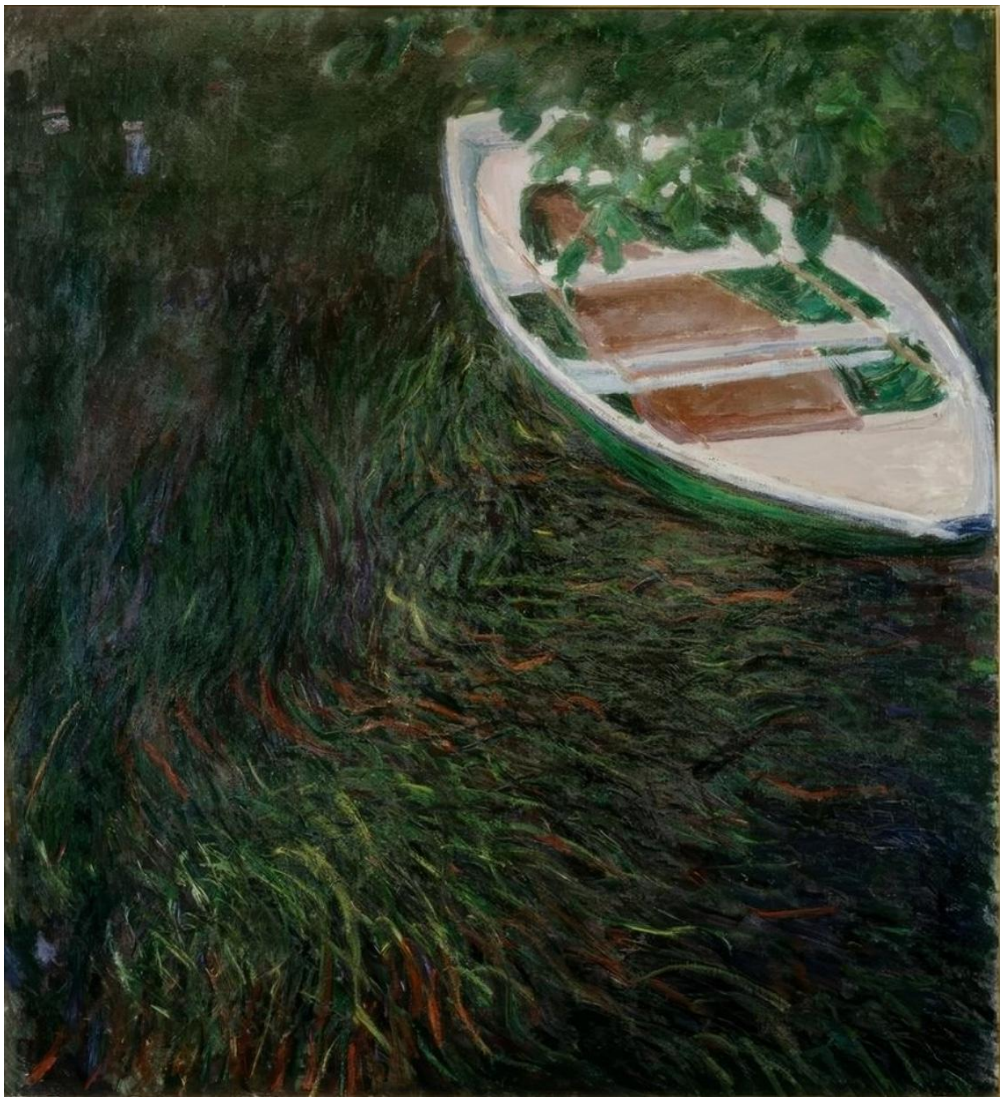

Figura 2 – O barco, Monet (1887).
Fonte: MASP, 2025.

Em “O barco”, Monet retrata uma pequena canoa vazia no rio Epte, diferentemente de outras obras da série. O quadro, que representa um ponto de vista de cima sem mostrar o horizonte ou as margens de um corpo de água,

faz com que nos sintamos parte da paisagem. Tons vivos de vermelho e amarelo sobre o verde representam o movimento da correnteza.

Seria impróprio afirmar que Monet teria construído suas obras a partir de uma aprofundada compreensão de ecologia ou mesmo de uma consciência ecológica. De modo mais preciso, ele construiu visibilidade para seus interesses artísticos ao criar um programa fundamentado na observação e representação das mudanças nas relações entre seres humanos e natureza (Oliva, 2025).

Monet acompanhou de perto as mudanças sociais do final do século XIX quando cresceu na Europa a ideia de preservar a natureza diante de sua fragilidade e da ameaça de destruição. Essa visão foi impulsionada pela divulgação de estudos científicos, especialmente pelas teorias de Charles Darwin após 1850.

> Desde as variações sutis da luz e do clima ao longo das estações até os acontecimentos naturais mais contrastantes, como as cheias e o degelo, o rio foi um denominador comum nos diferentes momentos da produção do artista. Foi um fio condutor para a representação dos hábitos sociais, dos fluxos e, claro, da própria natureza: uma síntese das mais diversas ecologias. A presença constante de motivos relacionados à água reflete também a forma como esse elemento era considerado um agente que perpassa todos os seres vivos (Oliva, 2025, p.23).

Durante quase vinte anos, Monet visitou a Normandia para pintar suas paisagens. Inicialmente, ele explorava áreas de fácil acesso, mas a partir dos anos 1880 passou a buscar trilhas mais desafiadoras para encontrar novos pontos de vista.

No percurso expositivo a fase “Neblina e fumaça” consegue retratar com maestria a observação do pintor para os efeitos sociais na natureza. É em Londres, principalmente, que Monet se abre a esse profundo diálogo.

> Em ‘Neblina e fumaça’, discute-se a maneira corno Monet buscou dar conta da presença da energia a vapor, da expansão das fábricas e do surgimento de novos meios de produção, aspectos que modificaram brutalmente a paisagem das cidades europeias no século 19. As chaminés começaram a competir com as torres das igrejas nos horizontes urbanos e, à medida que a vida social e econômica se tornava cada vez mais acelerada, o ambiente das cidades passou a pôr em causa a natureza idílica das primeiras pinturas impressionistas. Essas estruturas frequentes na pintura de Monet em Argenteuil no início da década de 1870 desapareceram de suas paisagens da região alguns anos depois - algo que, como aponta Caroline Shields pode espelhar a desilusão de Monet com a ideia de uma convivência pacífica entre a natureza e a indústria nos subúrbios de Paris. Quando voltaram a aparecer na obra de Monet, em paisagens pintadas fora de Argenteuil, as chaminés, os barcos a

vapor e os comboios tornaram-se o próprio tema de suas pinturas (Oliva, 2025, p.36).

Figura 3 – A ponte Waterloo, Monet (1903).
Fonte: MASP, 2025.

Fumaça, neblina e massas arquitetônicas revelam uma cidade abafada e vibrante, onde luz e sombra se confrontam. O sol surge entre a névoa, criando reflexos infinitamente variados no Tâmisa: ora sombrios, ora fascinantes, oscilando entre sonho, pesadelo, mistério e caos. A obra do artista revela as mudanças e desafios trazidos pela modernidade industrial. Como bem assevera Shields (2025, p.65):

> As pinturas de Monet em Londres capturam esse terror e emoção simultâneos. [...] Seu desejo de confrontar e transcender os legados de James McNeill Whistler (1834-1903) e J. M. W. Turner (1775-1851) na cidade que os tornou famosos impulsionou a criação dessas 95 telas. Mesmo assim, a ambição artística por si só não explica o fato de Monet ter optado por pintar pontes ferroviárias e fábricas em meio à poluição, retornando a um motivo industrial fora de seu país de origem depois de ter abandonado esse tema por duas décadas. Monet considerou a atividade industrial de modo bem diferente de seus colegas impressionistas, como Camille Pissarro (1830-1903) e Alfred Sisley (1839-1899), que, ao longo de suas carreiras, permaneceram comprometidos a pintar um equilíbrio harmonioso entre cultura humana, indústria e natureza.

Em Londres, ficou evidente que a atividade industrial prejudicava a natureza. Monet, ao retornar à cidade, explorou de forma lúcida o impacto da modernidade sobre o meio ambiente, destacando-se entre os impressionistas ao ilustrar a destruição natural causada pela indústria.

Considerações finais

A presente pesquisa procurou discutir as educações ambientais, utilizando como referência imagética a exposição “A Ecologia de Monet”, curada por Pedrosa e Oliva (2025) e apresentada no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). Tratou-se da primeira mostra no Brasil dedicada a investigar a relação entre Claude Monet (1840-1926) e a natureza, destacando a presença das temáticas ecológicas e ambientais nas obras do renomado pintor impressionista.

O vínculo de Monet com a natureza permeou toda a sua trajetória artística, sendo especialmente evidenciado na fase final de sua produção, período em que residia em Giverny, França. Nessa etapa, paisagens, lagos, flores e jardins adquiriram papel central em sua obra.

Esta investigação fundamentou-se em uma abordagem qualitativa mediante análise de imagens e revisão de literatura crítica. Buscou-se evidenciar possíveis interlocuções entre as pinturas de Monet, a perspectiva foucaultiana da estética da existência e os conceitos de educações ambientais concebidos como espaços para o diálogo crítico (Henning, 2017; 2021).

Refletiu-se acerca das múltiplas formas de sujeição e relações de poder presentes nas propostas de Educação Ambiental ancoradas em uma racionalidade moderna, objetivando problematizar modos contemporâneos de existência e convivência com a natureza.

O referencial teórico baseia-se nos escritos de Foucault e de autores e autoras de orientação foucaultiana. O estudo também recorreu às abordagens de Henning sobre as possíveis educações ambientais. No âmbito das imagens, as obras exibidas em “A Ecologia de Monet” são consideradas dispositivos artísticos-discursivos que permitem uma análise do percurso expositivo, destacando a técnica singular das paisagens criadas pelo artista. Pretendeu-se, assim, analisar algumas dessas pinturas, sem esgotar a totalidade da exposição.

Este trabalho examinou as possibilidades de construção de subjetividades a partir das educações ambientais, superando perspectivas antropocêntricas e objetificantes da natureza. Em seguida, abordou-se a estética da existência em Foucault, articulando-a ao cuidado de si e à produção da vida como obra de arte, analisando, também, as obras selecionadas de Monet em diálogo com potenciais contribuições para as educações ambientais.

O estudo buscou contribuir para o debate sobre modos de vida e resistência nas educações ambientais pautadas pela ética, estética e respeito à diversidade de formas de vida.

Referências

ALBRIGHT, Tyler A.; HUYBERS, Peter. Paintings by Turner and Monet depict trends in 19th century air pollution. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America (PNAS)**, v. 120, n. 7, 2023. DOI: https://doi.org/10.1073/pnas.2219118120.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução Ingrid Müller Xavier; revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. 2. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault:** arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica Editora; 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, 2.** O uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, 3.** o cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

GARRÉ, Bárbara Hees; HENNING, Paula Corrêa. Normalizando um certo modo de vida: aportes legais que auxiliam na fabricação do dispositivo da Educação Ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental – REMEA**, v. 34, n. 1, p. 201–216, 04 maio 2017. DOI: https://doi.org/10.14295/remea.v34i1.6629

GERALDO, Sonia Mara Samsel; IARED, Valeria Ghisloti. Artes visuais e educação Ambiental: uma experiência de formação docente em Campo Magro/PR. **Revista Diálogo Educacional**, *[S. l.]*, v. 23, n. 77, p. 899–912, 2023. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/29738. Acesso em: 10 ago. 2025.

HENNING, Paula Corrêa. **Educação Ambiental e Discurso:** estratégias biopolíticas e produção de verdades. Pelotas: Editora da UFPel, 2014.

HENNING, Paula Corrêa. Límites y Posibilidades de la Educación Ambiental / Limits and Possibilities of Environmental Education. **Bajo Palabra**, *[S. l.]*, n. 17, 2017. Disponível em: https://revistas.uam.es/bajopalabra/article/view/8808. Acesso em: 10 ago. 2025.

HENNING, Paula Corrêa. Possíveis ecos de Michel Foucault na Educação Ambiental. In: HENNING, Paula Corrêa; MUTZ, Andressa Silva da Costa; VIEIRA, Virgínia Tavares (orgs.). **Educações Ambientais Possíveis**: ecos de Michel Foucault para pensar o presente. Curitiba: Appris, 2018. p. 9-16.

HENNING, Paula Corrêa; MARQUES, Isabel. Educação ambiental e o esverdeamento discursivo na contemporaneidade. **Revista Científica/FAP**, v. 7, n. 2, p. 19-34, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332880488_Educacao_ambiental_e_o_esverdeamento_discursivo_na_contemporaneidade. Acesso em: 23 ago. 2025.

HENNING, Paula Corrêa. Educação Ambiental: o silêncio como potência criadora. In: HENNING, Paula Corrêa (org.). **Educação e Filosofia**: fissuras no pensamento com Nietzsche, Foucault, Deleuze e outros malditos. Rio Grande: Editora da FURG, 2021. p. 305-322.

HENNING, Paula Corrêa; SCHLEE, Renata Lobato. Um pensar moderno e a Educação Ambiental como aposta na vida como obra de arte. **Revista Tekoporá de Educação Ambiental e Interculturalidade**, v. 2, n. 1, p. 103-121, 2022. Disponível em: https://revistatekopora.cure.edu.uy/index.php/reet/article/view/182. Acesso em: 23 ago. 2025.

MIRZOEFF, Nicholas. Como desanestesiar Monet. In: OLIVA, Fernando (2025c). In: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. **A Ecologia de Monet**, organização de Adriano Pedrosa e Fernando Oliva; curadoria de Adriano Pedrosa e Fernando Oliva; com assistência curatorial de Isabela Ferreira Loures: textos de Fernando Oliva... [et al.]; design de Vitor Cesar e Karime Zaher. São Paulo: MASP, 2025. (p. 252-283)

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND. **Acervo. Disponível em:** https://masp.org.br/busca?search=monet. Acesso: 10 ago. 2025.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND. **A Ecologia de Monet**, organização de Adriano Pedrosa e Fernando Oliva; curadoria de Adriano Pedrosa e Fernando Oliva; com assistência curatorial de Isabela Ferreira Loures: textos de Fernando Oliva... [et al.]; design de Vitor Cesar e Karime Zaher. São Paulo: MASP, 2025.

NALLI, Marcos; MANSANO, Sonia Regina Vargas. **Michel Foucault:** desdobramentos. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

NASCIMENTO, Carlos Eduardo Gomes Nascimento. O que é áskesis na filosofia de Michel Foucault? **Revista Ideação**, Edição Especial, 2018. Disponível em:

https://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/3021/2390. Acesso em 20 ago. 2025.

OLIVA, Fernando (2025a). Entrevista com Fernando Oliva. **Masp discute histórias da ecologia com mostras de Monet e Krajcberg.** Por Elaine Patrícia Cruz, Repórter da Agência Brasil, Publicado em 16/05/2025. São Paulo. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2025-05/masp-discute-historias-da-ecologia-com-mostras-de-monet-e-krajcberg Acesso 10 ago. 2025.

OLIVA. Fernando (2025b). Entrevista com Fernando Oliva. **A Ecologia de Monet: tudo sobre a nova exposição do MASP**. Por Marina Pires. Publicado em 21 de maio de 2025, Disponível em: https://casacor.abril.com.br/pt-BR/noticias/arte/a-ecologia-de-monet-exposicao-masp Acesso: 10 ago. 2025.

OLIVA, Fernando (2025c). Monet, natureza e ecologia: um tema em disputa. In: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. **A Ecologia de Monet**, organização de Adriano Pedrosa e Fernando Oliva; curadoria de Adriano Pedrosa e Fernando Oliva; com assistência curatorial de Isabela Ferreira Loures: textos de Fernando Oliva... [et al.]; design de Vitor Cesar e Karime Zaher. São Paulo: MASP, 2025. (p. 24-43)

PEDROSA, Adriano; OLIVA, Fernando (2025). In: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. **A Ecologia de Monet**, organização de Adriano Pedrosa e Fernando Oliva; curadoria de Adriano Pedrosa e Fernando Oliva; com assistência curatorial de Isabela Ferreira Loures: textos de Fernando Oliva... [et al.]; design de Vitor Cesar e Karime Zaher. São Paulo: MASP, 2025.

PEREIRA, Gláucia G. **Pensar fora da caixa:** uma outra ciência é urgente. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 32, 14 fev. 2025. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-59702025000100005.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Tradução de Anderson Alexandre da Silva; revisão técnica Michel Jean Maurice Vincent. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SCHIELDS, Caroline. A ecologia industrial de Monet. In: OLIVA, Fernando (2025c). In: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. **A Ecologia de Monet**, organização de Adriano Pedrosa e Fernando Oliva; curadoria de Adriano Pedrosa e Fernando Oliva; com assistência curatorial de Isabela Ferreira Loures: textos de Fernando Oliva... [et al.]; design de Vitor Cesar e Karime Zaher. São Paulo: MASP, 2025. (p. 44-67)

STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível**: manifesto por uma desaceleração das ciências. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

TURINO, Célio. **Sementeira:** grãos para transformar radicalmente a sociedade via políticas culturais. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2025. 6 jul. 195. O País, p. 12.